

O discurso poético de António Agostinho Neto e a sua visão futurista

Generoso Filipe Chapuia *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-8648-9323>

*Amanhã
Entoaremos hinos à liberdade
quando comemorarmos
a data da abolição desta escravatura*
(Agostinho Neto em **Adeus à hora da largada; Sagrada Esperança**)



Fonte: PGL-GAL, Rodrigues (2020)

* Professor de Língua Portuguesa; estudante (Bacharel) do Departamento de Letras Modernas; Especialidade: Ensino da Língua Portuguesa (Linguística Portuguesa) no Instituto Superior de Ciências da Educação do Huambo (ISCED-HUAMBO); Professor e Coordenador do Programa Educativo “Português aos Domingos”. Suas áreas de investigação e ensino: Didáctica da Língua Portuguesa, Linguística, Literaturas de Expressão Portuguesa e Língua Portuguesa.

Resumo: O presente artigo resulta de uma análise criteriosa do discurso netiano atinente à sua perspectiva futurista. Faz-se necessária essa abordagem, pois Agostinho Neto é visto, não só como Fundador da Nação Angolana, fato conquistado pelo seu empenho na luta contra o colonialismo português e por ter sido o primeiro presidente de Angola, mas também como poeta-profeta porquanto os seus textos emanam uma visão futurista na medida em que trazem um olhar atento a tão ansiada liberdade/independência. Assim, é de capital importância não falarmos simplesmente de Neto como um “mero escritor” que traz belos poemas para embalar a alma dos leitores, mas, de alguma maneira mais expressiva, trazer Neto e a sua poética como uma forma *viável* para combater o opressor, o colonialista português.

Palavras-chave: Agostinho Neto; Futurismo; Colonialismo; Literatura Angolana

Olondaka vy'olonjimbawe vya António Agostinho Neto v'eleto yo vyaneke

Resumo em umbundu:** upange owo usupuka k'okutaliliya l'utate olondaka vya Neto, vina vilitokeka k'ovina viya. Okutaliliya okwo kusukiliwa, omo Agostinho Neto kaletiwé ño ndo ku kala feti-feti y'Ongola, uluhimo l'wasupuka k'upange eye akwata k'uyaki la cikolonya kaputu kwenda k'okukala ombyali yatete y'Ongola, pole ndo ku kala usonehi w'ovyaneke, omo ovisonehua vyaye vikwete eleto y'ovyaneke, omo eye onena v'ataliliyo aye esanju lisupuka k'elyanjo/k'eyovo. Ndoco, c'esilivilo okuvangula k'omwenyo wa Neto, amoko ño omo ly'okukala usonehi onena olonjimbawe vyafina visanjwisa vana vatanha isonehwa vyaye, pole l'onjila yimwe yalitepa, okunena Neto kwenda olonjimbawe vyaye nd'onjila yiwa y'okuliyaka l'ukwakutalisa ohali, cikolonya kaputu.

Osapi y'ondaka: Agostinho Neto; Oluvaso; Cikolonya; Isonehwa vy'Ongola.

António Agostinho Neto's poetic discourse and his futuristic vision

Abstract: The present article results from any analysis of Agostinho speech about its futurist perspective. This approach is necessary because Agostinho Neto is seen not only as the founder of Angola nation, something that he conquered by his hard work in fighting for Portuguese colonialism and because he was the first president of Angola, but also as the prophet poet in a view of his texts emanate a futurist vision as they reflect in an attentive analysis on the expected liberty/independency. So, it is important not only talk about Neto as "mere writer who brings beautiful poems to cradle the readers' soul but in any expressive way, bring Neto and his poetry as a best way to fight the oppressor, Portuguese colonialism.

Keywords: Agostinho Neto; Futurism; Colonialism; Angolan Literature

Introdução

O tema que nos propusemos abordar gira em torno da visão futurista de Agostinho Neto. Estamos cónscios da magnitude que Agostinho Neto possui no âmbito dos estudos literários de modo geral e da literatura angolana de modo particular.

Objetivamos estudar Agostinho Neto na sua dimensão poético-literária; interpretar o discurso poético de Agostinho Neto adentrando na sua visão futurista; trazer uma reflexão profunda sobre os escritos de Agostinho Neto e o impacto que os seus textos tiveram na luta contra o colonialismo e fornecer aos leitores noções elementares sobre a magnitude da poética netiana para a construção de uma Angola unida e desenvolvida.

Para a concretização dos desideratos ora elencados tivemos a necessidade de nos recorrermos aos métodos **dedutivo**, partindo, desse modo, do geral (literaturas africanas) para o particular (poética de Agostinho Neto), **hipotético-dedutivo**, numa fusão do método dedutivo acoplado a hipóteses de carácter hermenêutico que se pode fazer a partir dos textos de Neto; foi-nos útil o método **indutivo** porquanto houve uma necessidade gritante de partir da produção poética de Neto para a compressão dos anseios, mágoas e angústias dos africanos numa época em que não só Angola como também grande parte dos países africanos estavam submersos à colonização.

Agostinho Neto é, sem dúvidas, um dos representantes máximos da literatura angolana e da *Geração Mensagem*. O seu discurso poético gira em torno da nostalgia, da valorização dos aspectos culturais de Angola, da melancolia, da dor e, acima de tudo, traz-nos uma **literatura de revolta**; uma literatura que serve, igualmente, como **arma de combate contra o colonialismo português**. Tal como defende QUINO, “a existência humana se serve da linguagem para expressar a sua experiência, o seu pensamento e a concepção que tem de si mesma e do mundo” (2014, p. 40), Neto usa a poesia como o meio ideal para manifestar o que lhe corre na alma e, com este fazer poético, impulsiona os seus contemporâneos a lutar por uma Angola cada vez mais livre de toda e qualquer forma de subjugação.

A par das várias abordagens de Neto, uma das que mais sobressai do seu arcabouço poético-literário é a ESPERANÇA (aliás, não é em vão que intitula a sua primeira obra por **Sagrada Esperança**).

...

A esperança é, em dúvida, uma das temáticas que muito foi abordada por Neto quer explícita quer implicitamente. Neto traz-nos uma esperança sacra. Ao sacralizar a esperança, Neto deixa claro que em meio a dor, devemos erguer a cabeça e vislumbrar, ainda que de modo opaco, a esperança; esperança em dias melhores.

Em meio a ostracização a que o povo negro africano se encontrava submetido, Neto diz: “*eu já não espero / eu sou aquele por quem se espera*”. Neto tinha a consciência de que a independência não seria dada de mãos beijadas. Tinha certeza de que era preciso ir à luta para uma Angola melhor.

MINGAS (2021) infere que “o período colonial caracterizou-se pela não-aceitação das culturas africanas locais o que levou à proibição de utilização de línguas africanas locais (p. 379)” esse fato (e tantos outros) faz de Agostinho Neto um impulsionador da magna tarefa de se rebuscar as raízes tipicamente africanas e por isso grita em alto e bom som com a sua caneta “*À bela pátria angolana / nossa terra, nossa mãe / havemos de voltar...!*” (NETO, p. 128), pois Neto acreditava que a terra mãe jamais rejeitaria nem desprezaria a nossa essência linguística porquanto a língua é um dos elementos nucleares de uma determinada cultura, aliás, é quase impossível falar-se de valorização cultural excluindo o modo genuíno como os utentes fazem uso da(s) sua(s) língua(s).

O discurso poético de Neto impele à luta, pois como afirma Eugénia Neto, sua esposa, “para Neto, escrever significava lutar” (2018, p. 11).

Hoje, é quase impossível falar do nacionalismo angolano e da literatura angolana sem fazer referência a Neto. Não porque tenha sido (e para muitos é) *simplesmente* o “Poeta Maior”, mas por ser um homem com uma tenacidade literária digna de realce no âmbito dos estudos literários a nível do continente africano.

Neto apregoa o porvir do nosso país. É do *Futurismo* de que se serve para embelezar e enriquecer o seu poema “Adeus à hora da largada”.

A poética netiana está repleta de FUTURISMO, pois o “**Futurismo** é uma escola literária e artística fundada por Marinetti, que apareceu na Itália em 1910, e que, sem pôr inteiramente de parte o passado e presente, buscava inspirar-se principalmente no futuro; vanguardismo cultural e artístico” (Texto Editores, LDA. - Angola, 2012, p. 753). Neto serve-se desse futurismo e renasce nos seus poemas a esperança, a “**sagrada esperança**” por dias melhores.

Esse futurismo poético-literário não se prende somente ao poema “Adeus à hora da largada». Neto traz um vislumbrar do futuro em muitos dos seus textos. Adiciona-se ainda

...

o poema “Havemos de voltar”, um poema futurista, um poema que traz na sua essência e na sua motivação literária a busca de uma Angola livre do colonialismo e, sobretudo, uma Angola genuína que busca e valoriza os seus hábitos e costumes e as suas tradições.

Agostinho Neto, em meio às trevas do colonialismo, acreditava que num futuro próximo Angola bem como outros países africanos conheceriam um novo *Amanhecer*.

Neto traz-nos um olhar otimista que nos faz crer que, realmente, “a esperança nunca morre”, ainda mais quando é uma Sagrada Esperança enraizada no âmago do povo angolano que clama por libertação e por um país independente. Neto é, por essa e tantas outras razões, o poeta-profeta. Um homem de cultura que não só poetiza como também profetiza uma Angola livre e independente do jugo colonial.

Embora preso na cadeia do Aljube de Lisboa em 1960, um ano antes do início da luta armada a 4 de Fevereiro de 1961, Neto mantém acesa a esperança de um dia ver Angola independente e por isso vai dizer no seu poema “Havemos de voltar” palavras que espelham esta esperança em dias melhores: “À bela pátria angolana / nossa terra, nossa mãe / **havemos de voltar // Havemos de voltar / À Angola libertada / Angola independente**” (2009, p. 115, grifos nosso).

A Utopia Real da Esperança de Neto

O subtema, à primeira vista, pode levar-nos a uma incongruência lógico-semântica, pois, se nos ativermos, pormenorizadamente, aos vocábulos que os compõem, poderemos compreender que tais vocábulos estabelecem, entre si, relações antagónicas, levando-nos, desse modo, à antonímia (principalmente os vocábulos **utopia** e **real**). O termo *utopia* remete-nos a algo ideal, coisa que não possui realização concreta e, portanto, uma fantasia, uma concepção irrealizável. Um vocábulo que, à partida, contrasta com a palavra *real*, pois esse último termo significa algo que tem, de facto, existência.

Na verdade, esses termos aparecem aqui juntos, pois era quase impensável que Angola um dia alcançaria a sua independência. Já séculos se tinham passado. Já angolanos destemidos como Mandume ya Ndemofayo, Ngola Kiluanje, Nzinga Mbandi, Mutu ya Kevela, Ndunduma e tantos outros homens e mulheres haviam lutado freneticamente para libertar Angola do jugo colonial (muitos deram as suas vidas por essa nobre causa), mas nada... nenhuma luz no fundo do túnel, “**negrura / Só negrura**” (como disse Neto em Partida para o contrato).

...

A Angola livre era uma miragem. Uma utopia. Pelo menos, é assim que parecia para muitos porquanto era quase impossível vislumbrar uma Angola livre e independente, principalmente, após a realização da Conferência de Berlim (1884-1885). Nessa conferência, Portugal e tantos outros países receberam a “autorização” de colonizar outros povos, os povos de África.

Não obstante a essa “autorização”, houve homens que acreditaram que essa utopia poderia se tornar uma realidade. Homens como Neto e não só acreditaram, lutaram para que houvesse uma Angola livre do jugo colonial português. Foi necessário um “Moisés angolano” se levantar, impulsionar os seus compatriotas para se rebelar contra um faraó (aceitando a aceção metafórica de que faraó seja António de Oliveira Salazar).

Neto vem mostrar que é possível ainda sonhar e quiçá realizar o sonho de uma Angola livre. E como afirma Pires Laranjeira, “Sagrada esperança constitui como que o texto poético épico da angolanidade” (1995, p. 92). E nós concordamos com essa posição porquanto essa obra marca o renascer da esperança do povo angolano. Numa fase em que estava patente no âmago de muitos escritores (e fazedores de arte de forma geral) de que era necessário descobrir a mãe Angola, e daí o grande impacto do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola com o “Vamos Descobrir Angola!”, movimento científico-cultural e, também, político fundado em 1948 (4º Período da Literatura Angolana).

Mayamona (2020, p. 14) defende que em Neto encontramos uma esperança pragmática e não uma esperança baseada em teorias. O nosso pensamento encontra consonância com a posição deste estudioso, pois, ante à opressão colonial, Neto não cruza os braços e nem é dado a lamentações vazias sem praticidade. Neto, tal como outros escritores angolanos do seu tempo, vê na arte (de modo particular na poesia) como um instrumento para (e com o qual) se livrar do jugo colonial.

“Sou aquele por quem se espera”

Angola precisa de todos os seus filhos para o seu crescimento e desenvolvimento. E essa frase não é um simples embelezamento discursivo. É, na verdade, um facto que, infelizmente, muitas vezes, é negligenciado por maior parte dos angolanos. O verso que marca o subtema deste opúsculo é mais amplo e puro anseio de Neto consciencializar-se a si e aos seus contemporâneos de que cada um deve dar tudo de si para ver o seu país nos lugares cimeiros da Humanidade. Esse verso de Neto deve (ou, pelo menos, devia) ecoar retumbantemente na alma de qualquer angolano que ama Angola e a quer desenvolvida, pois todos chamados para a construção de uma Angola cada vez melhor.

...

“Sou aquele por quem se espera” e, por isso, devo me levantar e desenvolver esta Angola, independentemente da minha posição social, nível acadêmico, profissão... e todos são, indubitavelmente poucos para desenvolver a terra maravilhosa que se chama Angola.

Não obstante as grandes vicissitudes por que os angolanos passaram, cada um deveria olhar para o legado de Neto e “ser móbil e mobilizador, activador das esperanças” como defende Pires Laranjeira (2009, p. 29).

Embora o seu posicionamento seja na primeira pessoa (sou), Neto divorcia-se da visão egoísta. O seu discurso poético foi o mais colectivo possível, pois (sou) era, dentre várias notas explicativas, uma forma de consciencializar todo e qualquer angolano de que Angola pertence a todos os angolanos independentemente da sua raça, religião, partido político, etc. Neto imprime no espírito de todo angolano deixando o claro recado de que é responsabilidade de todos lutar por uma Angola livre do jugo colonial e que todo angolano é “aquele por quem se espera” para a construção de uma Angola cada vez melhor e mais unida.

Em “Havemos de voltar” Neto deixa mais explícita a sua luta por uma Angola de todos os angolanos, pois “a luta de libertação nacional nascida da recusa permanente e secular do povo inteiro de Angola à presença colonial através de numerosas revoltas só pôde atingir a vitória quando partiu do princípio aceite da unidade nacional de todo o Povo” (ANDRADE, 1980, p. 108).

Embora vivesse fora de Angola por razões académicas (e muitas vezes por desterro), Neto sempre mostrou um amor profundo por esta terra onde foi sepultado o seu cordão umbilical. Isso leva Neto a ser a mola propulsar para a valorização da essência angolana num discurso que, para além de futurista, traz marcas de um nacionalismo genuíno. Neto não se divorcia da sua gênese. Ele carrega na alma um fazer poético carregado de traços tipicamente africanos (o quissanje, a marimba e outros elementos). Por essa razão LARANJEIRA (1995) afirma que

Na poesia de Agostinho Neto, como na dos poetas africanos em geral, é notória a referência concreta a elementos da realidade geográfica, histórica e cultural, a demarcação de um espaço físico, a criação de uma cosmovisão e de um imaginário africanos, a recusa da subjectividade, da abstracção e do intimismo. (p. 94)

...

Pires Laranjeira defende ainda que Neto “explicita a formulação de que a mística esperança já não consola o colonizado, necessitado de uma certeza” no seu conhecidíssimo poema “Adeus à hora da largada”.

Brevíssima Biobibliografia de António Agostinho Neto

António Agostinho Neto nasce no dia de 17 de Setembro de 1922 na aldeia de Kaxicane, região de Icolo e Bengo, província de Bengo. Filho de um pastor da Igreja Metodista e de uma professora do ensino primário.

Após concluir o 7º ano de Ciências do Liceu Salvador Correia em Luanda, trabalha como funcionário dos Serviços de Saúde em Luanda, Malanje e no Bié, de 1944 a 1947 (NETO, 2018) – ver *orelha do livro*.

Neto procurou, desde muito cedo, combater o colonialismo e por essa razão passou pelas cadeias do Aljube, Luanda, Porto, Peniche e Cabo Verde. Entrou para a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra em 1947, mudando-se, mais tarde (em 1950), para a Universidade de Lisboa. Casado com Maria Eugênia Neto, natural de Montalegre, em Trás-os-Montes.

Líder do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) desde 1959 (LARANJEIRA, 1995, p. 92). Na madrugada do memorável 11 de Novembro de 1975, Agostinho Neto proclamada a independência nacional da República Popular de Angola.

Neto é autor de vários textos dispersos na imprensa europeia e não só. Neto é também autor da famosíssima *Sagrada Esperança* (1974), *Renúncia Impossível* (1982) e *Amanhecer*. Agostinho Neto tinha plena consciência do objetivo principal da luta política dos angolanos: a libertação nacional (LARANJEIRA, 2009). No dia 10 de Setembro de 1979, falece em Moscovo António Agostinho Neto, então Presidente da República Popular de Angola.

Conclusão

Falar de Literaturas Africanas em Língua Portuguesa de forma geral e, de modo mais específico, abordar questões atinentes à Literatura Angolana é, para além de prazeroso, bastante instigante e exige, acima de tudo, perspicácia em (e para)

...
compreender todo panorama histórico-social, econômico e filosófico para mergulhar docemente nas águas profundas do mundo literário.

É quase impossível falar de literaturas africanas de expressão portuguesa e do nacionalismo angolano sem se fazer referência a Agostinho Neto que, a par de político e médico, foi um grande homem de cultura de forma geral e um homem das letras de modo mais particular.

Neto usa a esperança como uma forma de incentivar os seus contemporâneos para lutar por uma Angola independente, uma Angola livre do jugo colonial português. E por esse fato a sua vasta produção tendia para um profetismo. Era uma grande preocupação “descolonizar” o continente africano e, de modo particular, Angola. Os seus textos estão recheados de um futurismo preso na *sagrada esperança* em e por dias melhores. A luta de Agostinho Neto é, de fato, uma luta de todo o ser humano, pois a busca pela liberdade é o anseio de todo ser humano.

Neto tinha consciência de que ficar parado e esperar por um ato miraculoso para se alcançar a liberdade, a independência era falta de nacionalismo e, acima de tudo, era assumir uma atitude covarde. Neto chorou com a caneta, seus dedos clamavam por uma Angola livre de quaisquer formas de subjugação. A autonomia territorial e político-administrativa era, para muitos, uma miragem, uma utopia, contudo, Neto via esperança em cada lamentar e em cada chorar.

Referências

ANDRADE, Costa. (1980). *Literatura Angolana (Opiniões)*. Luanda: União dos Escritores Angolanos.

LARANJEIRA, Pires.(1995). *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.

LARANJEIRA, Pires. (2009). A poesia de AGOSTINHO NETO como documento de histórico: premonição da liderança, projecto de libertação nacional e organização do movimento popular, em 1945-1956. In: NETO, Agostinho. *Trilogia Poética: Sagrada Esperança, Renúncia Impossível e Amanhecer*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, p.27-37.

MAYAMONA, Pedro. (2020). Visão futurista na literatura angolana - o caso de António Agostinho Neto. *Revista Manguxi*, Luanda, v.1; n°1, p. 14-17.

Generoso Filipe Chapuia, O discurso poético de António Agostinho Neto e a sua visão futurista...

...

MINGAS, Amélia Arlete. (Jan./Jun. de 2021). Línguas e culturas em Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*, São Francisco do Conde (BA), v.1, nº2, p. 377-385.

NETO, Agostinho. (2009). *Trilogia Poética: Sagrada Esperança, Renúncia Impossível e Amanhecer*. Luanda: União dos Escritores Angolanos.

NETO, Eugénia. (2018). A Esperança das Utopias Possíveis. In: NETO, Agostinho. (Org.). *Obras Poéticas Completas - Sagrada Esperança, Renúncia Impossível; Amanhecer*. Luanda: Fundação António Agostinho Neto, p.11-12.

QUINO, António . (2014). *Duas Faces da Esperança - Agostinho Neto e António Nobre num Estudo Comparado*. Luanda: União dos Escritores Angolanos.

Texto Editores. (2012). *Dicionário Integral - Língua Portuguesa* .3.ed. Luanda: Texto Editores.

RODRIGUES, José Paz. Agostinho Neto, poeta, médico e importante político angolano. PGL-gal, 15 de janeiro, 2020. Disponível em: <<https://pgl.gal/agostinho-neto-poeta-medico-politico-angolano/>>. Acesso em: 24 dez.2021.



O poeta Agostinho Neto | FOTO: Acervo MPLA/Divulgação

Recebido em: 11/10/2021

Aceito em: 15/12/2021

Para citar este texto (ABNT): CHAPUIA, Generoso Filipe. O discurso poético de António Agostinho Neto e a sua visão futurista. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.1, nº Especial, p.104-114, dez. 2021.

Para citar este texto (APA): Chapuia, Generoso Filipe. O discurso poético de António Agostinho Neto e a sua visão futurista.. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1 (Especial): 104-114

